



II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO

SIMPÓSIO 1 - MULHER E LITERATURA: VOZES SILENCIADAS, MISOGINIA E NOÇÕES DE IDENTIDADE

Coordenador:

Prof. 1 Márcia Maria de Melo Araújo (Universidade Estadual de Goiás)

E-mail: marcia.araujo@ueg.br

(Em ordem de apresentação)

TÍTULO DO TRABALHO: A força na voz da mulher indígena: Eliane Potiguara

Autor: Aline Guimarães Couto (Universidade Federal de Juiz de Fora)

RESUMO:

Os discursos feministas e de gênero possuem, ainda, estatuto marginal na comunidade acadêmica contemporânea. O incentivo à participação das mulheres no campo das ciências e nas carreiras acadêmicas nas quais ainda há forte hegemonia masculina, bem como a realização de pesquisas sobre mulheres, gênero e feminismo no âmbito acadêmico têm sido, ainda, objeto de preocupação. As vozes de mulheres, homossexuais, negros, indígenas e outras minorias étnicas são extremamente necessárias pois enriquecem e produzem um debate social, político e cultural sobre conceitos como nação, identidade, produção cultural e igualdade social. O campo da arte, da expressão estética que, portanto, inclui a literatura, tornase um tipo de arena de debate tanto individual como do coletivo. No quadro da nossa literatura, pouco se escuta a voz da mulher indígena brasileira. Uma dessas vozes mais significativas e fortes dentro do contexto indígena é Eliane Potiguara. Contar as histórias, as lutas e as memórias dos povos indígenas é uma forma de realização do seu projeto maior: defender os direitos dos povos indígenas, resgatar o que lhes foi tomado pelos colonizadores e preservar suas culturas. Potiguara considera que a mulher indígena é fundamental no processo de preservação das culturas indígenas, e assim essa mulher vem ocupar uma posição central em sua luta política e

em sua obra literária. Mulher, terra e identidade encontra-se profundamente conectadas no pensamento de Potiguara, sendo a mulher o elo entre novas gerações e o conhecimento, a sabedoria e as tradições dos antepassados. Portanto, essa pesquisa, em andamento, propõe uma análise dos discursos políticos da autora Eliane Potiguara a fim de investigar através deles o lugar de fala da mulher indígena na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Literatura Brasileira; mestiçagem; identidade; indigenismo

TÍTULO DO TRABALHO: Traços de escrita feminina e de silenciamento literário na história intelectual da escritora Dulcinéia Lobato Paraense

Autor: Andréia Souza de Oliveira (Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA), Gabriela Caroline Raudenkolb da Costa (UFRA) e Geovane Silva Belo (UFRA)

RESUMO:

Este trabalho busca identificar traços de escrita feminina e de silenciamento na literatura e na história intelectual da escritora Dulcinéia Lobato Paraense. Neste intento, propõe uma análise da voz feminina e sua representação na poética de Dulcinéia, em uma recomposição da memória e do itinerário intelectual desta autora da Literatura da Amazônia. A escritora se engajou em grupos pertencentes ao modernismo paraense, uma intelectual cuja voz poética esteve até o início do século XXI completamente silenciada. O estudo biográfico e a análise dos traços da escrita feminina podem ajudar a reescrever a história de vida e o itinerário desta escritora. O aporte teórico metodológico do trabalho pautou-se em Angélica Soares (2010) e em Michelle Perrot (2005). Entende-se que já paira sobre a Literatura da Amazônia um processo de silenciamento dos escritores da região em relação aos movimentos e grupos de intelectuais de outras regiões brasileiras. Então, há um silenciamento ainda mais acentuado quando tratamos de uma escritora amazônica. Embora importante figura no meio intelectual paraense, Dulcineia Paraense só teve o seu primeiro livro publicado aos 93 anos. A poesia de Dulcineia ainda carece de estudos acadêmicos, principalmente que evoquem a relação entre os traços da escrita feminina, a representação social e sua trajetória intelectual no cenário da “intelligentsia” amazônica, predominantemente masculina no século XX. Em 2011, a autora foi homenageada na XV Feira Pan-Amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Dulcinéia Paraense; escrita feminina; silenciamento

TÍTULO DO TRABALHO: Veracidade e verossimilhança em *O mundo de Aisha*

Autor: Antônio do Rego Barros Neto (Universidade de Brasília)

RESUMO:

O livro reportagem *O mundo de Aisha: A revolução silenciosa das mulheres no lêmén*, de Ugo Bertotti e Agnes Montanari, apresenta uma compilação das histórias de várias mulheres no lêmén, como explicita o próprio subtítulo. A partir da adaptação de diversas entrevistas, os quadrinhistas recontam as histórias pessoais de perda e opressão pela qual passaram as entrevistadas. Habilmente entrelaçadas aos quadrinhos, fotos ao final de cada história acrescentam às narrativas um elemento de dolorosa verdade, trazendo não apenas a verossimilhança à obra, mas a colocando no âmbito da veracidade. Um fenômeno que só se

consegue a partir da junção de duas linguagens pictóricas, fotografia e quadrinhos, cuja justaposição intensifica os efeitos desejados pelos autores. Para fazer essa análise, utilizarei principalmente da base teórica de Scott McCloud, que em suas obras *Desvendando os Quadrinhos* e *Fazendo Quadrinhos*, mostra uma análise detalhada das histórias em quadrinhos como linguagem pictórica, e a importância da composição da imagem, aplicável também à fotografia. Além disso, terá presença das análises de Rildo Cosson em *Fronteiras Contaminadas*, cujo trabalho com o romance-reportagem não apenas se aplica a obra de Bertotti e Montanari, mas também auxilia a definir a sutil diferença entre verossimilhança e veracidade. E teremos a obra de Pierre Bourdieu, que em *A dominação masculina*, aborda questões relevantes de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: veracidade; verossimilhança; misoginia; histórias em quadrinhos

TÍTULO DO TRABALHO: “Deus sabe o que ela é capaz de dizer”: Voz feminina na correspondência de Camille Claudel

Autor: Camila Macek (Universidade Federal de Minas Gerais)

RESUMO:

Camille Claudel é, ao mesmo tempo, uma das artistas francesas mais célebres do século XX e, possivelmente, uma das menos reconhecidas em sua época. Se, por um lado, suas esculturas - de autoria solo ou executadas no ateliê de seu mentor, Auguste Rodin, e assinadas por ele - são conhecidas e admiradas pela crítica e público, muito de sua trajetória artística e pessoal nos é desconhecido. Além de Rodin, outro homem parece ter sido um impedimento ao sucesso artístico de Camille Claudel: seu irmão, o homem de letras Paul Claudel, que sempre se opôs à prática artística de sua irmã. Desde o início de sua carreira, como *praticiente* de Rodin, até sua institucionalização por parte de seu irmão, que durou 30 anos, de 1913 até 1943 (ano de sua morte), Camille foi continuamente silenciada, como artista e como mulher. Pouquíssimo reconhecida em vida, seu trabalho permaneceu no ostracismo por quase meio século após a sua morte. Este trabalho tem por objetivo retomar a voz em primeira pessoa da artista, e relacionar sua vida artística e pessoal, presentes em suas biografias, com suas cartas, publicadas no livro *Correspondance* (2014), de modo a estabelecer relações tangíveis entre a vida da escultora e suas obras, pensando “uma nova lógica de construção da biografia linear da artista” (2014, p. 6), assim como refletir sobre as questões artísticas e históricas relacionadas, como o que foi, para Camille Claudel, ser uma mulher artista na virada do século XX e vítima da misoginia de seu tempo, ou, como referido pela biógrafa Marie-Victoire Nantet, vítima de “um desastre fim-de-século” (1988).

PALAVRAS-CHAVE: cartas; biografia; autoria e silenciamento; mulher; artista; século XX

TÍTULO DO TRABALHO: O pássaro voa e o canto ecoa: um estudo sobre o silenciamento da poesia erótica de Gilka Machado

Autor: Carla Guimarães (Universidade de Brasília) e Thais Silva (Universidade de Brasília)

RESUMO:

Neste trabalho trataremos o silenciamento da poesia erótica feminina do início do século XX, através da análise de poemas de Gilka Machado que trazem como foco a temática da mulher e sua relação com a natureza. Gilka, mulher negra de origem pobre, foi a primeira a publicar poesia erótica no Brasil. Ela escreveu o erótico porque queria liberdade e, para tanto, fez de sua poesia adubo, com o objetivo de ampliar e dar visibilidade a representatividade feminina, em seu século. Por isso, "negava mordidas à sua escrita, à sua arte", diz Jamyle Rkain, organizadora da edição "O corpo feminino, os anseios e o gozo da mulher eram ferramentas de libertação para ela na escrita". Se hoje o cenário da poesia erótica escrita por mulheres cresce consideravelmente, cabe proclamarmos a importância que Gilka exerceu na difusão desse tipo de poesia, já nas primeiras décadas do século XX. Para tanto, partiremos do conceito de erótico proposto por George Baitelles (1987) e dos estudos feministas de Angélica Soares (2004) para trabalharmos a representação da cena erótica tendo a mulher como sujeito protagonista, promovendo uma desconstrução estereotipada do feminino e masculino, além de uma ruptura da ideologia falocêntrica. Tal leitura, como aponta Angélica Soares, remete o leitor à constituição de uma "relação erótica ressingularizada", isenta da construção cultural que se firmou, e acrescentada à ideia do equilíbrio ecológico. A poesia de Gilka mostra-se vanguardista na introdução do erotismo como meio de transformação social àquilo que é inerente e natural ao ser humano, realizando, assim, a conscientização da necessidade da quebra de preceitos opressores. O equilíbrio, em sua poética, está no amor natural e o desequilíbrio no meio social.

PALAVRAS-CHAVE: Gilka Macahdo; Poesia Erótica; Feminino

TÍTULO DO TRABALHO: Similitudes e descompassos femininos na contística de Lílian Almeida

Autor: Cátia de Jesus Lima (Universidade do Estado da Bahia) e Eugênia Mateus de Souza (Universidade do Estado da Bahia)

RESUMO:

Este artigo elege para análise o conto *Cinzas de Monturo* (2017), de Lílian Almeida, no intuito de apresentar elementos narrativos que evidenciem diferentes formas de exploração sexual e psicológica sofrida pela protagonista no seio matrimonial, onde, devido às imposições sociais, encontra-se aprisionada. Nesse sentido, Lílian Almeida denuncia, em sua narrativa, o casamento como instituição social indissolúvel, que condiciona a mulher à subordinação masculina, em uma situação de completa abnegação da sua própria identidade. A escritora utiliza-se de ferramentas inesperadas na Literatura para apresentar uma relação conjugal irrevogável e completamente desgastada pelas intempéries de um cotidiano sufocante e degradante. Diante disso, torna-se pertinente essa análise, pois serão abordadas também as frustrações e inquietações de mulheres que vivem sob o jugo patriarcalista, e não conseguem se libertar devido à carga ideológica de gênero impregnada na sociedade, através de um processo de colonização da mentalidade dos sujeitos. Para nortear esta análise, foram selecionados autores como: Elaine Showalter (1994), Simone Beauvoir (1980), Pierre Bourdieu (2011) e Tereza de Lauretis (1994).

PALAVRAS-CHAVE: Dominação de gênero; matrimônio; Literatura; Lílian Almeida

TÍTULO DO TRABALHO: *To grow up in the Deep South: To Kill a Mockingbird* como romance de formação feminina

Autor: Cíntia Schwantes (Universidade de Brasília)

RESUMO:

Primeiro romance escrito por Harper Lee, *To Kill a Mockingbird* garantiu a sua autora um Prêmio Pulitzer. Narrada desde a perspectiva de Jean Louise Finch, uma menina na época dos acontecimentos, a obra se configura como um romance de formação feminina, uma vez que a narradora, involuntariamente envolvida em assuntos muito além de sua compreensão, precisa fazer uma série de julgamentos morais. Órfã de mãe, ela conta com a empregada negra, Calpúrnica como cuidadora, e precisa estabelecer quais serão os parâmetros pelos quais vai se guiar nas intrincadas relações inter-raciais do Sul dos Estados Unidos. Jean Louise acaba sendo engolfada nas hostilidades causadas pelas escolhas do pai, Atticus, e precisa decidir onde colocar sua lealdade. Igualmente, o romance pertence à escola denominada *Southern Gothic*, abordando as desigualdades sociais agravadas pela Grande Depressão e pelo racismo estrutural da sociedade sulista. No intuito de analisar o romance, que se configura como uma jornada de individuação, será utilizado o conceito de romance de formação feminina, a par com um aporte dos estudos de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: *Southern Gothic*; romance de formação feminina; identidade

TÍTULO DO TRABALHO: Inversão de papéis: jogos de gênero e imaginação literária em Rachel de Queiroz

Autor: Clovis Carvalho Britto (Universidade de Brasília) e Paulo Brito do Prado (Universidade Federal Fluminense)

RESUMO:

O artigo examina os jogos de gênero e a imaginação literária de Rachel de Queiroz (1910-2003). Utilizando fontes produzidas no começo da carreira da escritora ainda pouco exploradas em sua fortuna crítica propõe aproximações entre história da vida literária e história das mulheres a partir da análise dos embates no espaço literário brasileiro na primeira metade do século XX. O objetivo é destacar os impactos de seus papéis enquanto mulher indisciplinada nas confluências entre sua trajetória e a arquitetura de seus projetos literários em espaços marcadamente masculinos. Problematisa as estratégias da escritora ao inverter os papéis destinados às mulheres e reinventar espaços de liberdade no âmbito da profissionalização e da produção de repertórios sobre a diferença entre os sexos. Segundo Rachel de Queiroz é necessário administrar o indisciplinado, mostrar comportamentos pouco convencionais e denunciar situações marcadas pela violência, todavia isto precisa ser feito de forma estratégica (Certeau, 2009). Em suas imagens, as mulheres, suas diferenças e suas identidades geraram alguma “desunião e representaram um desafio à coerência” (Scott, 2008, p. 99). Apesar disso, Rachel demonstrou certa engenhosidade em administrar as políticas da história e do cotidiano no qual se inseria. Utilizou-se de táticas, estratégias e acumulou muitos paradoxos ao longo de sua trajetória. Ao conceber sua imaginação literária, selecionando intenções e gestualidades, produzindo matrizes discursivas ou tendências de pensamento (Telles, 2013), a escritora explorou as imagens de “mulheres indisciplinadas”. Ela imaginou personagens que amavam, flertavam, fumavam, abandonavam, apanhavam, matavam e morriam. Suas mulheres tinham o cotidiano pressionado por transformações imprevistas. Nesse aspecto, além de ser uma mulher

que em suas memórias reescreve os fatos sob a ótica do feminino, sua literatura também privilegia a vida de outras mulheres, vozes na maioria das vezes silenciadas. (Perrot, 2005)

PALAVRAS-CHAVE: Rachel de Queiroz; História das mulheres; Gênero; Literatura

TÍTULO DO TRABALHO: A escrita de Cristiane Sobral – identidade, desconstrução e empoderamento

Autor: Cristiane Veloso de Araujo Pestana (Universidade Federal de Juiz de Fora)

RESUMO:

Cristiane Sobral é escritora, atriz e professora de teatro. Nasceu no Rio de Janeiro e reside em Brasília. Iniciou sua carreira como escritora em 2002 nos *Cadernos Negros*, onde publica até hoje. Escreveu dois livros de poemas e três de contos, sendo o mais famoso deles o livro de poemas *Não vou mais lavar os pratos*, em sua terceira edição. A relevância da obra poética de Cristiane Sobral está pautada em seu engajamento político e social, em seus textos que mesclam crítica e suavidade e ainda possuem uma linguagem atual, fácil e motivadora. Os textos de Sobral transgridem as representações estereotipadas, privilegiando a beleza, a cultura e a intelectualidade das mulheres negras. Em seus poemas, a autora combate o preconceito e o racismo e propõe uma nova visão sobre a mulher negra brasileira. O processo do racismo, dentro de uma perspectiva de gênero, “coisificou” e inferiorizou a mulher negra, o que justificou durante muito tempo (e ainda justifica) os abusos domésticos e sexuais. De acordo com Bell Hooks, a iconografia que representa a mulher negra, imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta para servir aos outros. A visão de uma mulher negra, sem estereótipos racistas, vem tentando conquistar seu espaço na Literatura através de escritoras como Cristiane Sobral, que retrata a mulher negra sob um viés de luta e resistência. A reconstrução da identidade, a elevação da autoestima e o empoderamento estético e social são elementos fulcrais da obra de Sobral. Para Bell Hooks, o posicionamento intelectual de mulheres negras inspiram outras mulheres negras e a deslocam da posição de inferioridade, obscuridade e abnegação, na qual ela foi colocada pela sociedade racista e machista.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra; Empoderamento; Identidade; Cristiane Sobral

TÍTULO DO TRABALHO: As mulheres sem voz na poesia de Ricardo Reis: a natureza, a musa e o espírito de resignação

Autor: Danielle Cristina Pereira Penha (Universidade Estadual de Maringá)

RESUMO:

Musas e festividades compõem o cenário ideal para o poeta classicista Horácio, grande influenciador de Ricardo Reis, que inclui nos versos a ideia da felicidade absoluta representada pelos raros momentos felizes, como, por exemplo, aqueles que passamos com os amigos bebendo vinho, ao lado de mulheres que representam a beleza e a virtude. Reis, incontestavelmente horaciano, cria um cenário em que a natureza e a figura da musa estão em plena harmonia, mas, ao contrário de seu predecessor, ele prefere permanecer distante de tudo, e evoca as musas apenas como espectadoras dos seus “monólogos”. Reis revela uma imagem que poderia ser perfeita para a entrega às paixões, mas, contrariando os próprios preceitos

clássicos, conserva-se alheio e distante tanto da amada quanto do próprio cenário. Manter-se longe lhe garante a calma necessária para viver a vida sem sobressaltos. A paixão, sintetizada pela figura feminina, é vista como um sentimento negativo e o desejo único do poeta é cantar sua condição de homem conhecedor das coisas do mundo, mas não entregar-se à beleza e ao amor. Suas musas inspiradoras Lídia, Neera e Cloe não possuem uma função ativa dentro da poesia. São acessórios que permanecem caladas e submissas às vontades do eu lírico. Não têm voz e nem vez, quem determina os encontros e as separações é o sujeito lírico. Ao evocar a figura de Neera, as imagens são detalhadas. Lídia é a escolhida para refletir acerca das verdades universais da vida do ser humano. A terceira, Cloe, é a musa escolhida para as odes que buscam aproveitar com mais intensidade o momento presente. O tempo é célere e na companhia da musa ele se permite aproveitar “o toque, os beijos e as carícias” como registram Camargo e Gomes (2010). Na presença das musas, busca sempre o conforto e a tranquilidade do campo e cercado de flores, ouvindo apenas o correr das águas do rio. Esse cenário idílico permanece estático nas odes, assim como as musas, figuras caladas e resignadas às vontades do poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Ricardo Reis; musas; a não voz feminina

TÍTULO DO TRABALHO: Rompendo silêncios: a obra poética de Cristiane Sobral

Autor: Elizângela Quézia Gonçalves Cardoso (Instituto Federal de Brasília) e Letícia Érica Gonçalves Ribeiro (Instituto Federal de Brasília)

RESUMO:

A literatura escrita por negros/as, voltada para o resgate da historicidade, com a perspectiva de valorização da cultura afro, como denúncia e forma de reflexão sobre a realidade de miséria e exclusão vividas pelos negros no Brasil é algo recente e carente de visibilidade e de valorização. Em se tratando de literatura negra de autoria feminina, pode-se afirmar que este foi um discurso silenciado por muito tempo. Embora no século XIX Maria Firmina dos Reis, tenha publicado *Úrsula* e um século depois, Carolina Maria de Jesus publique o “Quarto de Despejo”, é somente na década de 1970, que a literatura escrita por mulheres negras começa a ocupar os espaços e, que por meio do discurso literário, vozes por tanto tempo silenciadas começam a ser ouvidas. É quando autoras negras passam a usar o discurso literário para resgatar a ancestralidade e valorizar o saber e a beleza negra, para expressar sua experiência pessoal, suas angústias, necessidades e desejos, questionando estereótipos e clichês; denunciando o sexismo, o machismo e reafirmando a luta pela emancipação feminina. Trata-se de uma voz pessoal que se torna coletiva, por representar a angústia de tantas outras mulheres nesta mesma condição. Diante do longo silenciamento do discurso da mulher negra e da subvalorização da produção literária dessas escritoras, estudá-las e valorizá-las é muito importante, por isso, essa pesquisa propôs estudar a obra poética de Cristiane Sobral, uma referência da literatura negra contemporânea. Trata-se de analisar seus textos, na perspectiva de identificar a representação da mulher negra, e de verificar se esta representação poderia contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos e para a valorização da autoimagem de outras mulheres negras. Para isto, além da análise literária, também foram realizadas oficinas de releituras dos poemas e uma pesquisa qualitativa para compreender como se dá a receptividade desses poemas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura feminina; Cristiane Sobral; identidade; empoderamento

TÍTULO DO TRABALHO: A personagem feminina em Lídia Jorge e os silêncios dos ex-cêntricos

Autor: Elizete Albina Ferreira (UniAlfa-GO)

RESUMO:

A partir da aplicação teórica em relação aos aspectos constitutivos do novo romance histórico português contemporâneo, propostos por Stuart Hall, Linda Hutcheon, Cremilda Medina, Fredric Jameson, Márcio Seligmann-Silva e outros, pretende-se demonstrar como estão organizados os elementos envolvidos na construção das personagens femininas nos romances de Lídia Jorge e como o olhar feminino está presente em sua obra. Por meio de suas personagens, a autora traz o olhar feminino sobre o fato histórico, transfigurando-o ao mesmo tempo em que lança os holofotes sobre os marginalizados da historiografia oficial (mulheres, negros, imigrantes, pobres). Mesmo quando a fala sobre homens é a perspectiva da mulher que acompanha sua escrita, assim como suas impressões acerca das mudanças socioeconômicas ocorridas durante o período salazarista. Na evidência do destino de suas personagens, dá mostras da posição vivida pela mulher dentro da sociedade portuguesa. Outro aspecto significativo e inovador desse novo formato de romance histórico escrito por autoras é o fato de ter surgido assumidamente com a marca feminina. Tanto a interpretação sociológica quanto a literária são peças essenciais nesse exercício de lembrar, ou, como quer Lídia Jorge, “para não esquecer”. Esse novo romance português, fez do estranhamento reconhecimento de uma identidade na forma de narrar a história. Hall (2009) atribui ao evento da globalização a promoção e o intercâmbio entre as nações, possibilitando maior intensificação da divulgação das culturas. Se esse contato teve seu lado positivo, também é fato que trouxe reflexos negativos, a exemplo do fenômeno das identidades fragmentadas. Uma das características desse tipo de ficção é colocar como protagonistas das narrativas os sujeitos que estão na periferia da história oficial. Contemplam-se os que ficaram à margem da historiografia oficial, ou em casos do texto ficcional, as personagens excluídas do grupo dominante por contrariarem a ordem preestabelecida.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; Lídia Jorge; memória; testemunho; personagem feminina

TÍTULO DO TRABALHO: Das dores de existir à negação identitária: uma leitura de *Doente imaginária?*, conto de Helena Parente Cunha

Autor: Eugênia Mateus de Souza (UNEB)

RESUMO:

O conto de Helena Parente Cunha, *Doente imaginária?* (1998), narrado por uma voz masculina emoldura a fotografia já conhecida da exclusão de gênero, os silêncios barulhentos incapazes de serem ouvidos pela surdez social e catapultado pela voz do criador que expressa a voz do outro e, nesse caso, do outro periférico. A literatura, entendida como representação cultural e identitária, perfilando, num diálogo às avessas, o discurso do poder que emudece, literalmente, o outro, difunde outros eus femininos estranhos aos moldes convencionados. O silêncio (ORLANDI, 2007) feminino na narrativa e as dores, vistas pelo companheiro como imaginárias, colocam a personagem sob a ótica do olhar da (des)construção de identidade (HALL, 2003;

GIDDENS, 2002) além de traduzir o ser feminino (BEAUVOIR, 1980; WOOLF, 2014) não reconhecido porque mascarado pelo processo histórico definidor de papéis, porém incapaz de captar a essência do ser mulher que não nasce, torna-se. A voz silenciada e perfilada pela personagem masculina transborda-se contrariamente ao desenho descritivo oferecido pelo companheiro que (des)conhece o outro e os caracteres de alteridade e, portanto, anula a companheira compondo uma vida de dores de existência.

PALAVRAS-CHAVE: Silêncio; Vozes; Feminino; Literatura; Alteridade

TÍTULO DO TRABALHO: Misoginia no mito arturiano: a representação da personagem Morgana na série televisiva da BBC, “*Merlin*”

Autor: Fernanda Silva Neves (Universidade de Brasília)

RESUMO:

A série de televisão britânica *Merlin*, produzida e exibida pelo canal BBC, teve seu episódio piloto exibido em 20 de setembro de 2008. Desde seu lançamento a série despontava como uma das queridinhas do público jovem e chegou a ter 6,94 milhões de telespectadores na metade da temporada final. O segredo do sucesso é certamente a popularidade das lendas do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda. Elas estão repletas de batalhas sangrentas, donzelas em apuros, armaduras, lealdade, igualdade entre a magia do Mago Merlin e das fadas de Avalon. Dentre os diversos personagens que povoam as diferentes versões da lenda estão, além do próprio Arthur, o seu mentor Merlin, seus pais Uther Pendragon e Igraine, sua meia-irmã, a fada Morgana, Guinevere, sua esposa, os cavaleiros sir Lancelot, sir Galahad, sir Percival, sir Gawain entre outros e seu sobrinho-filho Mordred. Todo esse material, seja ele histórico ou lendário, serve de tema para inúmeros poemas, romances, peças teatrais, musicais, séries televisivas e filmes. O objeto do meu estudo, a personagem Morgana, se encontra nesta aclamada série, “*Merlin*”. O propósito deste trabalho é apontar o caráter misógino na construção/representação feminina desta personagem na obra citada. Para tanto será utilizado o conceito de misoginia, enquanto ódio e/ou aversão às mulheres, estudado por Georges Duby, R. Howard Bloch, Mario Pilosu e Roberto Sicuteri e o conceito de representação feminina estudado pelas pesquisadoras Elaine Showalter, Cíntia Schwantes e Guacira Lopes Louro.

PALAVRAS-CHAVE: literatura inglesa; misoginia; representação feminina; Idade Média; novela de cavalaria

TÍTULO DO TRABALHO: Na dança de *Niketche*: representações da mulher na ficção de Paulina Chiziane

Autor: Juliane Amaro da Silva (Universidade Federal do Oeste do Pará), Patrícia Guimarães Pereira (Universidade Federal do Oeste do Pará) e Genilson da Silva Oliveira (Centro Universitário Internacional)

RESUMO:

Esse artigo versa sobre as representações sociais da mulher moçambicana no romance *Niketche* de Paulina Chiziane. Nessa pesquisa utilizou uma significativa referência bibliográfica a fim de embasar as discussões a respeito da colonização portuguesa, da posição da mulher na sociedade

moçambicana, e das dicotomias entre o tradicional e o moderno. As contribuições partiram de autores como José Luís Cabaço (2007), Irineia Cesário (2008), Maria Tedesco (2008) e Cleuma Lins (2009). Diante do tema levantado, revela-se uma Moçambique ainda impregnada, de um lado, pelos preceitos judaico-cristãos, a monogamia como o sistema oficial, e de outro, uma Moçambique islâmica, prevalecendo o sistema polígamo. Seja qual for o lado, a mulher moçambicana está inserida em um sistema arcaico, não condizente com a modernidade do país. Em *Niketche*, Paulina Chiziane ecoa através das personagens femininas a insatisfação pela falta de igualdade, por sinal, princípio norteador dos discursos revolucionários estourados na década de 1970, e as denúncias ao que tange às variáveis opressões vividas pelas mulheres, que persistem por conta da tradição, bem como, pela herança do colonizador, caracterizando, portanto, Moçambique como um país multifacetado.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Moçambique; Modernidade; Tradição

TÍTULO DO TRABALHO: A violência do discurso feminino retido em literaturas de língua portuguesa

Autor: Luciana Genevan da Silva Dias Ferreira (PUC MINAS)

RESUMO:

Elaboraões da linguagem ficcional que captam instantes fragmentados de episódios narrados com intensidade e tensão, contos escritos por Nélida Piñon, Orlanda Amarílis e Lídia Jorge, escritoras lusófonas, oportunizam uma abordagem crítica sobre discursos e espaços femininos enunciados e encenados na literatura de língua portuguesa do final do século XX. Analisam-se, neste estudo, os contos denominados “I Love my Husband”, contido em **O calor das coisas** (1980), de Piñon, “A casa dos mastros”, conto homônimo dessa obra ficcional de Amarílis, e “Marido”, narrativa presente na obra **Marido e outros contos** (1997), de Jorge. Essas três autoras, por meio da ficção, promovem diálogos entre questões sociais, políticas e históricas bem como decorrentes implicações tanto de discursos (não) produzidos quanto de espaços (não) ocupados pelo feminino nesses contextos, por causa do silenciamento e da invisibilidade da mulher. Essas narrativas, escritas por penas femininas lusófonas, revelam contextos que, vivenciados por personagens ficcionais, marcam a presença de violência ideológica e também física no cotidiano da mulher, bem como na literatura de autoria feminina. A pesquisa em torno de narrativas ficcionais curtas, escritas por mulheres, justifica-se por analisar, a partir da confluência dos estudos históricos, sociológicos e literários, a construção de discursos e de espaços sobre/para o feminino, buscando pontos de interseção entre forma e conteúdo, por meio de recursos literários de contos que narram a violência do discurso feminino retido. Estudar as personagens femininas, em seu potencial de protagonistas (in)conformadas com o ambiente de atuação, possibilita uma analogia entre subjetividade e coisificação do feminino. O embasamento teórico do trabalho pauta-se, principalmente, em Simone de Beauvoir (1970), sobre o feminino, em Gayatri Spivak (2010), sobre a representação da subalternidade, em Pierre Bourdieu (2002) sobre a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino. Silenciamento. Violência

TÍTULO DO TRABALHO: Mulher e literatura: vozes silenciadas e noções de identidade

Autor: Márcia Maria de Melo Araújo (Universidade Estadual de Goiás)

RESUMO:

A presente comunicação trata-se de uma proposta de organização de estudos e pesquisas a comporem o presente simpósio temático. No âmbito das discussões a respeito das vozes silenciadas, da misoginia, das expressões de vozes periféricas e das diversas relações de exclusão social, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP) pretende reunir trabalhos que apresentem um estudo significativo de tais assuntos. O pressuposto é que tal enfoque questiona os limites da definição da literatura e abre possibilidades para se refletir sobre novas territorialidades e novas formas de expressão artística. O objetivo principal do GT é problematizar fatores que permeiam a discussão sobre como se opera o discurso de dominação cultural e marginalização do “outro”, nas literaturas de língua portuguesa, seja ela produzida no Brasil, em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa. Em outras palavras, identifica-se na relação de marginalidade, na medida em que se constitui expressão de novas territorialidades e fluxos de expressão artística, certa oposição à arte canônica reconhecida como discurso dominante. Como uma das abordagens possíveis, a literatura feminina se efetiva como uma tendência relevante de literatura marginal, visto que sua presença na história da literatura é restrita e habitualmente relacionada ao discurso misógino operado pelo logocentrismo ocidental. Cabe destacar, no plano arqueológico de pesquisa desses discursos marginalizantes as noções de identidade e desterritorialização como cruciais para a discussão sobre essas modalidades de escrita. Esta comunicação é resultado parcial do projeto intitulado *Leitura, Literatura e Práticas de Ensino numa Perspectiva Intercultural*, vinculado ao Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade e com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Literatura; Mulher; GEPELLP

TÍTULO DO TRABALHO: Clara dos Anjos e a mulher negra no início do século XX

Autor: Maria Luíza Fernandes de Andrade Costa (Fafire), Rute Isabelle Ferreira de Melo Dantas (Fafire) e Vilani Maria de Pádua (Fafire)

RESUMO:

Este artigo se propõe analisar e entender o conto *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto (1881-1922). Tendo como personagem principal uma moça, negra e pobre, Barreto vem abordar sobre o machismo e a violência contra a mulher. A denúncia do papel da mulher, na sociedade do início do séc. XX, está exposta em todo o conto criticando o preconceito, o machismo e até mesmo a visão distorcida sobre as mães solteiras da época e, que, ainda se reflete nos nossos dias. O objetivo deste artigo é analisar o conto *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, que, posteriormente, deu origem ao romance do mesmo nome. Publicado originalmente na coletânea *Histórias e sonhos*, em 1920, o conto é um microcosmo do que ocorrerá, com mais detalhes, no romance de 1922. E, em especial, entender como se dava o preconceito e como Lima Barreto, que criticava o feminismo que se iniciava, lidou com isso em sua obra, já que aparece em defesa das mulheres. Para dar suporte a análise, utilizaremos os seguintes estudiosos Adichie (2014), Higa (2010), Duarte (2010), Schwarcz (2017), entre outros. Sendo uma análise literária, a metodologia será principalmente a revisão bibliográfica, leitura e compreensão de texto, bem como a

associação dos temas levantados por Barreto à teoria existente. Por fim, Lima Barreto veio para quebrar paradigmas e dar espaço para a realidade vivida em sua sociedade, em que negros e pobres eram os desprivilegiados e excluídos.

PALAVRAS-CHAVE: Clara dos Anjos; Lima Barreto; Feminismo; Literatura

TÍTULO DO TRABALHO: A violência contra a mulher em *A construção do vazio*, de Patrícia Reis

Autor: Paula Queiroz Dutra (Instituto Federal de Brasília)

RESUMO:

A violência contra a mulher é um dos principais problemas de saúde pública do mundo contemporâneo e só recentemente ganhou destaque nas pautas das organizações internacionais de direitos humanos visando a sua erradicação. De acordo com a organização mundial de saúde, estima-se que mais de um terço das mulheres no mundo (35%) vivenciaram violência física e/ou violência sexual por um parceiro íntimo ou violência sexual por um desconhecido em algum ponto de suas vidas. Desse modo, faz-se necessário investigar de que forma essa violência sistêmica tem sido representada em romances contemporâneos, especialmente os de autoria feminina, uma vez que acreditamos que a literatura, com seu potencial humanizador (Candido, 1988), amplia a nossa capacidade de ver e compreender o outro e o mundo que nos cerca. A partir da análise do romance *A construção do vazio* (2017), da escritora portuguesa Patrícia Reis, este trabalho busca refletir sobre a representação da violência contra a mulher na literatura contemporânea de autoria feminina ao problematizar as diversas violências sofridas pela personagem no romance em questão, à luz dos estudos de gênero, dos estudos sobre violência e da crítica literária feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher; Crítica literária feminista; Representação.
Patrícia Reis; Literatura portuguesa

TÍTULO DO TRABALHO: Tecer palavras: entre o falar e o silenciar

Autor: Raíssa Varandas Galvão (Universidade Federal de Juiz de Fora)

RESUMO:

O trabalho apresentado tem como objetivo analisar os diários pertencentes à escritora Sylvia Plath. A partir desses diários procuro refletir como a possibilidade da voz e do silêncio se alternavam e se mesclavam na escrita e na vida da autora. Recorrendo à concepção da literatura como uma saúde, tal como expressa pelo filósofo Gilles Deleuze, compreendo que a escrita era, para Sylvia Plath, um espaço de acolhimento no qual a palavra era utilizada como uma ferramenta de organização do eu diante de situações-limite. Vítima da depressão e da violência doméstica, Plath procurou na literatura um antídoto que, injetado na veia, tentava anular o veneno que se espalhava através dessas feridas. No entanto, se a escrita é o meio através do qual a autora emitia sua voz, suas páginas também são marcadas por momentos de silenciamento. Em Sylvia Plath o silêncio surge com facetas distintas. Há o calar-se como uma opção, mas há, principalmente, o silenciamento imposto, seja pelo marido que destruiu parte de seus escritos, seja pelos críticos literários, imprensa e público que, com a morte da autora, fabricaram para ela uma identidade trágica que abafava a voz deixada em suas páginas. Para

pensar essas questões recorro a textos como “A estética do silêncio”, de Susan Sontag; *Crítica e Clínica*, de Gilles Deleuze ; *Um teto todo seu* e “Profissões para mulheres”, de Virginia Woolf, e *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Diários; Escritas de si; Autoria feminina; Silenciamento

TÍTULO DO TRABALHO: Poesia silenciada: mulheres negras e outros enunciadores na representação da identidade

Autor: Rosidelma Pereira Fraga (UERR)

RESUMO:

Este artigo tem como ponto de partida o trabalho realizado na linha de literatura afro-brasileira nos cursos de Pós-Graduação, oriundo de reflexões da disciplina *Análise da poesia afro-brasileira e do conto africano*. Sob esse prisma, tem como objetivo fulcral examinar o contexto da identidade negra, e discutir sobre a representação da mulher negra sob o olhar do Eu-enunciador instaurado pelas vozes femininas e masculinas. Sob esse prisma, consideram-se as vozes femininas contemporâneas, tais como: Ana Cruz (2008) da obra *Guardados da memória*, Esmeralda Ribeiro publicadas em *Cadernos negros 5*, e Jussara Santos (2005) com a obra *Minas de mim*, Oliveira Silveira de *Cadernos negros* (1998), *Poemas da carapinha*, de Cuti (1978), bem como poemas da *Antologia de poesia afro-brasileira*, organizada por Bernd (2013). A proposta visa discutir sobre a luta de mulheres negras frente ao preconceito instaurado pela cor da pele, pelas diferenças sociais e pela imposição da invisibilidade arraigada no discurso da sociedade e da literatura das minorias. Diante disso, abre-se espaço para questionamentos, tais como: 1) *Literatura de minoria seria uma literatura aquém do valor literário?* 2) *Em que consiste então o conceito de literatura menor?* Como pressupostos analíticos e teóricos, elegem-se textos como *Poesia e memória*, de Brito (2009), *Entre a ficção e a autobiografia*, de Combe (2005), *Poesia e resistência*, de Alfredo Bosi (2011), *Identidade e diferença* de Tomaz Tadeu da Silva (2013) e *Identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall (2009). Os textos em análise incidirão em uma leitura intertextual em poetas que não deixam de dialogar com a tradição da moderna poesia brasileira, em especial, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade e outros.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; identidade; diferença; resistência

TÍTULO DO TRABALHO: A valorização da identidade nacional e a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina

Autor: Susane Martins Ribeiro Silva (Universidade Estadual do Maranhão)

RESUMO:

Marcada pela diversidade e pelos aspectos relacionados ao modo de vida insular dos países africanos, a poesia santomense, que aborda situações sociopolíticas como também o papel do indivíduo na sociedade atual, além da violência e do preconceito, ganha destaque no âmbito da produção literária africana em língua portuguesa, principalmente no que diz respeito à produção poética de autoria feminina. Nessa perspectiva, diversas autoras usam seus poemas para denunciar tais problemas, sem deixar de lado o lirismo. Dentre essas, estão Alda do Espírito Santo, cujas composições são marcadas pela luta, resistência e liberdade do povo; Conceição



Lima, que em seus versos, principalmente na obra *A dolorosa raiz do micondó*, destaca a escravidão, a repressão e as humilhações sofridas pelo povo santomense; Manuela Margarido, que de forma sutil, apresenta uma poesia mais intimista, marcada pela angústia e pelo medo; e Olinda Beja, que aborda o conflito e a violência do mundo colonizador, além de propor, em seus versos, a reanimação das origens, como é percebido em *Aromas de Cajamanga*. Além destas, outras poetisas dão ênfase a essas abordagens, dando margem para estudos semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Poetisas Santomenses; Literatura Nacional; Poesia Social; África; Diversidade